Novas subjetividades: narcisismo defensivo[1]

New subjectivities: defensive narcissism

Alexandre Abranches Jordão[2]

Resumo: A partir de um pequeno panorama do que sociólogos e psicanalistas têm discutido a respeito das particularidades dos sujeitos do século XXI, propõe-se a noção de narcisismo defensivo como conceito metapsicológico inovador e particularmente adequado às novas subjetividades. Além disso, faz-se uma reflexão sobre como isso se reflete no trabalho clínico e como suas eventuais manifestações clínicas denunciam novas modalidades de organização psíquica e confirmam a utilidade conceitual do narcisismo defensivo.
Palavras-chave: novas subjetividades, narcisismo, defesa, narcisismo defensivo.

Abstract: *Departing from a small panoramic view of what sociologist and psychoanalysts have thought about the particular characteristics of the subjects of the 21st century, the notion of defensive narcissism is proposed as an innovative metapsychological concept particularly adequate to the new subjectivities. Besides that, a reflexions is made on how this reflects on clinical work and on how its eventual clinical manifestations denounce new ways of psychic organization and confirm the conceptual usefulness of the defensive narcissism.*
Keywords: *new subjectivities, narcissism, defense, defensive narcissism.*

1. Parte das idéias contidas nesse artigo foi extraída da tese de Doutorado em Teoria Psicanalítica (UFRJ) defendida pelo autor em 2002, ainda inédita. Para o recente artigo, elas foram atualizadas e recontextualizadas em razão de novos desenvolvimentos e contribuições ao tema oriundos da pesquisa "Construção de conceitos metapsicológicos para as novas subjetividades", desenvolvida pelo autor no Instituto de Psicologia da UFRJ com apoio financeiro da FAPERJ e ainda em andamento. À FAPERJ e ao IP / UFRJ, o reconhecimento e os agradecimentos devidos.
2. Membro associado da SPCRJ, Doutor em Teoria Psicanalítica–UFRJ, professor / pesquisador FAPERJ / UFRJ.

Os dias atuais nos colocam diante de problemáticas subjetivas que exigem novas formulações para delas nos aproximarmos teoricamente. Autores das áreas mais diversas têm se manifestado a esse respeito e mesmo criado novas noções e terminologias para falar do sujeito dos dias atuais. Da sociologia, em particular, chegam valiosas contribuições que, além de enfatizar as peculiaridades do indivíduo que habita o século XXI, chamam a atenção para a necessidade de produzir novos paradigmas para abordar tais sujeitos. Da psicanálise também surgem cada vez mais vozes tratando do assunto e se propondo a voltar um olhar mais atento para as especificidades desse sujeito. Apresentamos aqui uma inovação metapsicológica a ser usada como ferramenta teórica especialmente aplicável a tais questionamentos.

Com o propósito de contextualizar a questão, tomemos rapidamente dois autores de cada campo para formar um sucinto panorama. Da Sociologia, Ehrenberg e Bauman. O primeiro (Ehrenberg, 2000), ainda no final do século passado, encontrou na depressão e na sensação de insuficiência as características maiores dos indivíduos dos tempos atuais – insuficiência em imediato contraponto à elevação da *performance* (seja ela física, material, profissional, amorosa, estética, afetiva etc.) à categoria de balizador universal do valor individual. Diante da perda dos referenciais identitários e valorativos perenes encontrados nas instituições sócioculturais seculares, o vale-tudo dos nossos dias teria por parâmetro uma meritocracia particular, em que o mérito individual que importa é somente o que pode ser medido pelo escore financeiro, estético, relacional etc. de cada um. A depressão e a sensação de insuficiência são os efeitos diretos da constatação de que estamos inexoravelmente aquém das nossas *performances* ótimas.

Bauman (1998, 2004, 2005), por sua vez, além de apontar o extremo mal-estar oriundo de uma aplicação desmesurada (aparentemente inconsciente, diríamos) das leis de mercado às questões subjetivas e afetivas, tem mais recentemente – e repetidas vezes – enfatizado a sensação de profundo esvaziamento afetivo e subjetivo diante do que podemos denominar de "descartabilidade" dos sujeitos do século XXI, tornados meros consumidores, tanto de mercadorias e imagens quanto de outros sujeitos. A lógica do mercado e da constante obsolescência dos objetos e das relações, cada vez mais intensa, leva a duas conseqüências: a redução das subjetividades atuais a consumidores / objetos, que são ao mesmo tempo mercantilizados nas suas relações com os outros e consigo próprios; e a produção de uma enorme massa de desesperançados excluídos – para quem suas vidas perdem

todo sentido por não estarem inseridos na dinâmica socialmente restritiva do consumismo, que aparece como referencial identitário e valorativo maior. O valor individual é diretamente proporcional ao grau de pertencimento à categoria universal de consumidor e à capacidade da pessoa de agir em conformidade com essa categoria.

Já no campo da psicanálise, Dufour[3] (2005) se aproxima relativamente de Bauman ao falar de um esvaziamento subjetivo que faz com que o indivíduo dos dias atuais ("chamemo-lo de pós-moderno", propõe) perca a capacidade de se colocar e se pensar enquanto sujeito. Para ele há um "enfraquecimento e até alteração da função simbólica" que faz com que tudo e todos fiquem nivelados e tornem-se equivalentes, não havendo lugar para a especificidade ou a diferença valorativa em um nível subjetivo. E os dois maiores modelos subjetivos que a modernidade nos legou, o sujeito crítico kantiano e o sujeito neurótico de Freud, já não se aplicam mais:

> Ora, ainda que correspondam a construções históricas eminentes, esses sujeitos pouco a pouco perdem sua evidência... Eles se tornaram imprecisos. Seus contornos se estilhaçam, estamos passando para uma outra forma [de] sujeito.

Esse também é o quadro descrito por Melman (2003). Para ele, já não é possível aplicar aos sujeitos dos dias atuais os referenciais metapsicológicos da neurose, pois não são mais adequados e provam-se pouco úteis. É preciso um novo referencial estrutural para lhes entender, não mais o modelo histérico do qual partiu Freud, mas um outro baseado na perversão, pois parece ser essa a estrutura particularmente adequada às formas de organização psíquica com as quais nos deparamos hoje. Temos diante de nós uma nova economia psíquica: "Estamos lidando com uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque a uma economia organizada pela exibição do gozo." E a perversão seria, além de um modo particular de estruturação psíquica, uma promoção das novas formas de organização e regulação social, tornando-se, assim, uma norma social. Equivale a dizer que a perversão tornou-se, também em um nível social, o modelo identificatório maior dos nossos tempos.

A proposta de tomar a perversão como estrutura de referência para as novas subjetividades encontra eco no meio psicanalítico (*e.g.* Lambotte, 2004) e é aparentemente correta, mas merece um exame mais cuidado-

3. Dufour não é psicanalista, mas um filósofo com vínculos profundos com a psicanálise e preciosos ensaios nesse campo.

so. São muitas as questões envolvidas e outras possibilidades igualmente pertinentes também se apresentam e podem se mostrar bastante interessantes e produtivas.

Não discutiremos aqui, entretanto, tais posturas teóricas ou o alcance e as conseqüências de tais proposições – e há positivas e negativas – pois não é disso que trata o artigo. Tampouco faremos um esforço de descrição pormenorizada do que pode ser entendido do espectro que se abriga sob a alcunha "novas subjetividades". Trataremos disso em artigo posterior. Aqui nos restringiremos a apresentar o narcisismo defensivo como conceito metapsicológico especialmente propício à abordagem teórica dos chamados casos difíceis, falso-selves patológicos ou *borderlines*, bem como, de uma maneira mais ampla, às características psíquicas dos sujeitos – nós mesmos – dos dias atuais.

Narcisismo defensivo

A expressão *narcisismo defensivo* foi cunhada por Jurandir Freire Costa nos anos 80 e apareceu num rico ensaio que aborda o tema da violência e das relações subjetivas que os indivíduos, nas sociedades de consumo, estabelecem com seu corpo. Ele diz ali:

> Narcisismo que pode ser visto não apenas como amor à própria imagem, dentro da dinâmica do prazer-desprazer, mas como um movimento regenerativo, **defensivo**, em face da violência... O narcisismo moderno, dissemos, é um **narcisismo defensivo**, voltado para o investimento do corpo, que se tornou foco de sofrimento e ameaça de morte pela ação da violência. (COSTA, 1984, p.177-8).[4]

Costa não desenvolveu muito mais o tema, o que faremos aqui. Tomemos, inicialmente, os próprios termos que compõem a expressão narcisismo defensivo.

A noção de defesa é um dos pilares da teorização freudiana. Surge conceitualmente em "Psiconeuroses de defesa", de 1894, e diz respeito a um movimento psíquico que busca garantir a manutenção de uma determinada idéia ou representação de si mesmo ou do próprio eu. Com o aparecimento do conceito de narcisismo na metapsicologia freudiana, a

4. Grifos nossos. Como ficará claro ao longo desse artigo, a proposta de alçar o narcisismo defensivo ao patamar de categoria metapsicológica ultrapassa bastante os limites conceituais inicialmente estabelecidos por Costa pela própria dimensão que assumirá, no presente trabalho, como determinante de uma dinâmica psíquica particular. Se o que propomos a seguir não coincide inteiramente com as considerações de Costa, é perceptível, numa leitura retrospectiva, que algumas questões aqui tratadas já se anunciam incipientemente no texto citado.

defesa passa a também poder ser entendida como aquilo que almeja garantir a manutenção do investimento de libido no ego. Esse aspecto é crucial para as considerações atuais.

O conceito de narcisismo só parece em texto em 1914 e constitui-se numa das maiores guinadas teóricas de Freud, mas também uma de suas concepções metapsicológicas fundamentais menos exploradas por ele próprio. Se, como afirma o próprio Freud na introdução do texto, a noção surge em resposta a uma série de questionamentos colocados por Jung em relação à teoria freudiana da sexualidade, seu alcance ultrapassa a problemática inicial e o âmbito mais restrito da sexualidade e, na verdade, retoma e desenvolve concepções e idéias que Freud já nutria há um tempo considerável.[5]

Duas questões estão direta e intimamente relacionadas ao narcisismo: a unidade e a onipotência. Com respeito à unidade, o próprio Freud aponta para seu paradoxo fundamental: da necessidade do seu estabelecimento ou conquista – expressa de maneira inequívoca no próprio texto de apresentação do conceito de narcisismo na afirmação de que uma unidade comparável ao eu não existe desde sempre, mas tem que ser desenvolvida – e, por outro lado, o fato de que, na verdade, uma tal unidade é da ordem da fantasia. O caráter imaginário da unidade será definitivamente demonstrado por Lacan, anos mais tarde, na sua formulação do estádio do espelho.[6] Sobre a unidade do ego, Freud (1914) diz o seguinte: "É um pressuposto necessário que não esteja presente desde o começo, no indivíduo, uma unidade comparável ao eu; o eu tem que ser desenvolvido... algo tem que agregar-se ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua."

Por outro lado, é no próprio texto do narcisismo que Freud apresenta também a diversidade de eus que formam o sujeito. O indivíduo é habitado e constituído por uma extensa variedade de eus, que aparecem na própria terminologia freudiana. Citemos alguns: temos o eu, o supereu, o ideal de eu, o eu ideal, o eu realidade, o eu prazer, o eu como "projeção de uma superfície" corporal etc. De todos esses diferentes eus, da diversidade de representações que possibilitam e das particularidades funcio-

5. A esse respeito, ver: JORDÃO, A.; PINHEIRO, T. Antecedentes históricos da construção do conceito de narcisismo. In: HERZOG, R. (Org.) *A psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p. 11-27.

6. LACAN, J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In _____; *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.96-103.

nais, operacionais, que cada um deles apresenta começa a se delinear uma distinção no próprio conceito de narcisismo. Não se trata, pois, de considerar os dois momentos do narcisismo, mas de estabelecermos, como critério central para uma análise metapsicológica, a precariedade da constituição narcísica – que implica no que chamamos de narcisismo defensivo – em contraposição ao que poderíamos denominar provisoriamente de "constituição narcísica suficientemente boa", tomando o predicativo intencionalmente de empréstimo a Winnicott. É a uma tal constituição narcísica que entendemos que Ferenczi se refere quando postula a certeza de si[7].

Por outro lado, aquilo com que nos confrontamos diariamente, que assume na clínica as características de resistência à análise (a que Freud e Ferenczi inicialmente associaram o termo narcisismo, quando de sua aparição no universo psicanalítico[8]) e que dentro e fora dela aparece atrelado pelo público leigo a egoísmo, estrelismo, vontade de aparecer, desprezo pelos outros, necessidade de auto-afirmação etc., circunscreve-se no terreno do narcisismo defensivo.

O narcisismo defensivo é o pasteurizador, o que não suporta a diferença, o que precisa confirmar-se poderoso – necessita verdadeiramente de confirmações constantes de sua potência – para a manutenção do investimento libidinal que garante sua unidade e sua estabilidade. Uma estabilidade provisória e frágil, evidentemente, que exige acima de tudo um desconhecimento de si mesmo e das artimanhas empregadas para tal manutenção, verdadeiros estratagemas para, em termos bem freudianos, escapar do perigo do reconhecimento da castração ou da constatação do desamparo. O desamparo é tanto mais ameaçador quanto maiores forem as necessidades de confirmação da onipotência narcísica, de sua unidade e perenidade, ou seja, quanto mais precária for a organização narcísica de um indivíduo – é a própria contra-face da onipotência, representa sua ausência e o perigo de desintegração narcísica.

---

7. JORDÃO, A., PINHEIRO, T., MARTINS, K.P.H. A certeza de si e o ato de perdoar. In *Cadernos de Psicanálise SPCRJ*. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, 1998, v. 14 n. 17, p.161-175.

8. O termo "narcisismo", que só alcançará o estatuto de conceito metapsicológico em 1914, desde 1909 já freqüentava as discussões nas reuniões das quartas-feiras da Sociedade de Psicanálise de Viena, geralmente ligado ao tema da homossexualidade. A partir de 1910, em especial com os textos sobre Leonardo Da Vinci e Schreber e logo a seguir com "Totem e tabu", passa a estar presente também em textos freudianos. Na sua correspondência pessoal, Freud e Ferenczi – mais especificamente entre o final de 1910 e o início de 1912 – fazem menção ao narcisismo do paciente como um eventual obstáculo à análise.

Não é preciso considerar o desamparo como originário na existência humana. Com o narcisismo e o par dialético onipotência / desamparo em vista, pode-se abrir mão da metafísica e o desamparo pode deixar de ser visto como inerente à natureza humana, ou engendrado no nosso psiquismo a partir da prematuração biológica experimentada devido ao nascimento precoce, ou ainda deixar de ser pensado como uma anterioridade lógica em que as experiências do "*infans*" possuam um sentido prévio que ele entende como desamparo. A precariedade da estruturação narcísica é o que exige que algo venha constantemente conferir-lhe realidade, estabilidade, e que precisa de confirmações para se manter. Forma-se um círculo vicioso retroalimentado, pois a manutenção de investimento libidinal no eu só tem um caminho, que passa por uma necessária confirmação de sua onipotência, de forma que, quanto maior essa necessidade, (sempre proporcional à solidez – melhor dizermos à fragilidade – do edifício narcísico), maior a ameaça representada pela sua ausência, o desamparo. Em outras palavras: quanto maior a precariedade da constituição narcísica, maior será a necessidade de produção de estratégias de confirmação de sua onipotência e da unidade do eu; pelos mesmos motivos, maior será também a ameaça que o desamparo encarna – como oposto extremo da onipotência. Entretanto, num universo de multiplicidades de eus, tais exigências de confirmação serão diferentes e conflitantes. Isso corresponde a dizer que esses conflitos se dão em uma esfera narcísica. Decorre daí uma precariedade ainda maior da estabilidade assim conseguida, pois quando um posicionamento subjetivo é confirmado, isso se faz sempre em detrimento de outros igualmente investidos.

É evidente que encontramos, em todos os indivíduos, determinados posicionamentos subjetivos privilegiados quanto ao investimento libidinal que, quando confirmados, produzem um certo apaziguamento da angústia frente ao desamparo. A sensação de onipotência e de unidade assim experimentada é responsável, portanto, por um recalcamento temporariamente bem-sucedido das demais demandas narcísicas e age como um catalisador ao redor do qual esse psiquismo pode se organizar, ainda que momentaneamente. Descrito dessa forma, vemos imediatamente o caráter estruturante desse mecanismo na infância e sua perniciosidade na vida adulta; além de sua aplicação cotidiana na educação da criança imposta pela cultura. O neto de Freud experimenta, na brincadeira do "*fort-da*", não somente a satisfação narcísica do controle da situação e o prazer pulsional do exercício de sua agressividade, mas também o reforço de uma posição subjetiva, reforço esse conseguido através de sua

exteriorização "sociabilizada", socialmente aprovada, da agressividade. Produz-se aí um sentido, de modo que a invenção narcísica do sujeito significa também fornecer ao "*infans*" a possibilidade de criação de um universo de sentidos.

O problema do sentido é central na questão narcísica. Para Ferenczi (1933), a impossibilidade de atribuir um sentido a determinado sentimento ou evento na infância é responsável por uma verdadeira implosão da personalidade em formação, uma tal desestruturação narcísica que pode culminar no esfacelamento do eu que caracteriza a psicose. O trauma para Ferenczi, em termos esquemáticos, se dá em dois momentos: num primeiro, um adulto que responde segundo sua referência sexual/genital à sedução infantil, resposta essa acompanhada de sentimento de culpa, cujo sentido escapa à criança. Diante de tal impossibilidade de produção de sentido, a criança busca num outro adulto (a mãe) um recurso que possa fornecê-lo. Esse adulto, ao desmentir a agressão sexual sofrida pela criança, desautoriza-a enquanto produtora de sentido, gerando uma cisão do eu como única forma de manter o amor pela mãe.

A produção de sentido implica a inclusão do evento na esfera narcísica: é a partir dessa inclusão que tal elemento pode fazer parte do universo associativo do indivíduo. Assim, toda produção de sentido será necessariamente narcísica, pois trata-se de trazer para o campo da familiaridade aquilo que nos é estranho, de incluir numa cadeia associativa um elemento novo dando-lhe um aspecto familiar, de colocar-lhe uma etiqueta e uma roupagem segundo critérios já conhecidos; em suma, pasteurização e uniformização. Se tal procedimento é absolutamente necessário na infância devido ao seu caráter narcisicamente estruturante, possibilitador de uma subjetividade, o apego excessivo e incondicional às categorias do familiar representam, no adulto, uma redução do seu campo de possibilidades subjetivas, podendo culminar em uma verdadeira cristalização numa posição subjetiva específica e extrema redução do seu gradiente afetivo.

Quanto à questão da confirmação da onipotência, sabemos que constituições narcísicas diferentes terão a possibilidade de lançar mão de estratégias também diferentes nessa campanha e podemos dizer que trava-se nesse campo uma verdadeira batalha de vida e morte – vida e morte desse narcisismo, bem entendido. Mas se o espectro de possibilidades existenciais de um indivíduo encontra-se demasiadamente reduzido a umas poucas configurações narcísicas – ou até mesmo uma única – o fracasso desses estratagemas pode representar uma desestruturação psí-

quica de tal sorte determinante que pode ser fatal. Freud (1917) não deixou de alertar que, no trabalho com o melancólico, mesmo quando este desfere acusações mais ferinas contra si próprio, não cabe ao analista contradizê-lo:

> Tanto do ponto de vista científico quanto terapêutico seria igualmente infrutífero contradizer o doente que faz tais acusações contra seu ego. **De algum modo ele certamente precisa ter razão** e descrever algo que se comporta tal como lhe parece. E de fato, **logo teremos que confirmar, sem restrições, algumas de suas afirmações**. Ele é realmente tão carente de interesses, tão incapaz para o amor e para o trabalho como afirma. Mas isto, como sabemos, é secundário; **é a conseqüência desse trabalho interior** para nós desconhecido e comparável ao luto, **que consome seu ego**. [...] Por fim, devemos notar que o melancólico não se comporta inteiramente como alguém que faz contrição de remorso e auto-recriminação em condições normais. Falta a ele, ou pelo menos não aparece nele de um modo notável, a vergonha perante os outros, que seria sobretudo característica destas condições. **No melancólico quase se poderia destacar o traço oposto, de uma premente tendência a se comunicar, que encontra satisfação no autodesnudamento.**[9]

O que confirmamos em tais colocações de pacientes melancólicos não é tanto a correção de tais afirmações, mas antes reforçamos, através dessa confirmação, um esboço de narcisismo de onde esse paciente retira alguma satisfação – talvez sua única via a qualquer satisfação e representação narcísica de si mesmo. Pois trata-se de uma satisfação narcísica, ainda que conseguida atacando-se impiedosamente naquilo que normalmente compreenderíamos como seu narcisismo. O que diz sobre si mesmo constitui, para ele, uma verdade, ou seja, algo de indiscutível, perene, imutável; dizê-lo é exercer um poder particular e exclusivo num mundo de neuróticos, é saber mais do que os outros e ter coragem para declará-lo, uma coragem que falta aos demais e que, por si, já fornece subsídios a um quê de investimento narcísico, mesmo que precário. Percebemos aqui como os três pilares do narcisismo (unidade, onipotência e investimento narcísico) encontram-se entrelaçados. A possibilidade de investimento narcísico passa pela confirmação de algo que não é ambíguo, de uma unidade, uma univocidade inquestionável, e poder afirmá-la produz satisfação. E se o que encontramos nesse caso é exatamente uma carência de constituição narcísica, é a isso, antes de mais nada, que devemos nos apegar no trabalho clínico, confirmar esse

9. Grifos nossos.

pouco de narcisismo para podermos construí-lo proteticamente ainda um pouco mais, pois é esse esboço de narcisismo que ainda mantém vivo o indivíduo e sua falência representaria mesmo a morte desse paciente, a morte que está sempre nos rondando no atendimento a melancólicos.

Diferente é o trabalho com histéricos, por exemplo. Percebemos imediatamente o prazer narcísico extraído das lamúrias histéricas que invariavelmente descrevem um quadro onde ocupam uma posição de vítima inocente dos desejos eróticos ou agressivos alheios. Quer a confirmação dessa sua condição de vítima e de inocente, e é exatamente ela que o analista deve negar-lhe, o que representa propriamente um dos fundamentos mais bem estabelecidos da técnica psicanalítica. Os dois casos ilustram, em linhas gerais, o que entendemos por posicionamento subjetivo – em linhas gerais, pois é evidente que as particularidades de cada indivíduo imprimem dinâmicas e matizes diferentes a tais posicionamentos – e determinarão estratégias clínicas distintas. E da mesma forma que o estabelecimento de sentido representa uma das facetas essenciais do narcisismo, temos que reconhecer narcisismo também em qualquer modalidade com que a onipotência se nos apresente.

Ao abordarmos o tema da onipotência ligada ao narcisismo, estamos acostumados a referi-la a fantasias de controle total sobre si e os objetos, à capacidade de poder determinar os acontecimentos do mundo segundo sua própria vontade e ao não reconhecimento de qualquer limitação de seu poder. Além disso, cabe considerar também como narcísica a onipotência atribuída a outrem, pois possui o mesmo elemento organizador e uniformizador e age narcisicamente da mesma forma que a atribuída a si mesmo. Qualquer pessoa ou coisa que venha a ocupar um lugar de onipotência para um indivíduo terá a mesma função de garantia narcísica que o próprio eu pode assumir. Assim, podem ocupar esse posto um pai, um deus ou um demônio, um estado, uma ideologia, uma raça, um livro, um desenvolvimento científico, um analista; os exemplos são infinitos. O que importa é que representam a univocidade, a ausência de ambigüidades e polissemias, o poder supremo, a verdade inquestionável.

Representam o familiar, o já conhecido, aquilo a partir do que absolutamente tudo pode assumir um sentido e nada lhe escapa ou lhe é superior; e isso é narcisismo no seu grau mais elevado. A manutenção a qualquer preço da onipotência, da uniformidade, da própria estratégia que as torna inquestionáveis e as artimanhas empregadas na sua confirmação constituem o aspecto mais pernicioso do narcisismo no adulto. Impede o novo, pois tudo encontra-se submetido a um universo restrito e

particular de sentidos familiares que limita sobremaneira o campo de possibilidades e posicionamentos subjetivos. Um narcisismo mais ricamente constituído estará, por isso mesmo, mais exposto aos conflitos e à falência dessas artimanhas confirmatórias; mas, por outro lado, menos sujeito ao risco de desintegração narcísica quando dessa falência.

Passa por esse caminho uma das possibilidades mais interessantes e produtivas de articulação entre Nietzsche e Freud, pois é exatamente contra esse aspecto narcísico da humanidade que Nietzsche volta sua fúria e nos fornece, assim, uma verdadeira fenomenologia do narcisismo. No seu desdém da idéia de verdade, na sua guerra contra a metafísica, a dialética e a razão, no desmascaramento da ficção moderna de um sujeito cartesiano agente do pensamento e principalmente nas categorias do ressentimento e da má-consciência encontramos sempre o narcisismo como pano de fundo[10]. Passemos ao exame da sua aparição na clínica.

Novas subjetividades na clínica

Alguns fenômenos clínicos têm merecido maior atenção por parte dos psicanalistas devido a sua abundância atual. Comportamentos e atitudes anteriormente pouco freqüentes ou praticamente desconhecidos passaram a colorir o nosso cotidiano clínico e, exatamente por tomarem corpo no *setting* e na transferência, demandam reflexão e novas considerações. Mais do que isso, têm exigido do psicanalista que assuma novas posturas, muitas vezes extremamente desconfortáveis, para poder tentar adequar-se às necessidades psíquicas dos pacientes e tornar a análise possível.

Os exemplos são muitos e variados, pois suas ocorrências na clínica são abundantes. Lançaremos mão de apenas alguns, mais abrangentes e ilustrativos, no sentido de demonstrar a sua generalidade. Podemos mesmo, e talvez seja o mais indicado, abordá-los enquanto categorias e não simplesmente fenômenos isolados. Tomemos dois tópicos em especial, que compõem a própria malha da experiência psicanalítica e suas implicações – sendo, portanto, intimamente relacionados – mas que podem ser separados para os fins desse exame. Em primeiro lugar, a transferência e questões relacionadas a ela.

Para colocar o problema de forma clara, basta dizer que alguns dos fenômenos transferenciais identificados por Freud em seus textos que tra-

10. Esse tema foi explorado na palestra "Metafísica e Psicanálise: um diálogo possível entre Nietzsche e Freud" proferida pelo autor no I Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, Rio de Janeiro, 4-7 de setembro de 2004.

tam do assunto só muito raramente se apresentam em nossos consultórios hoje em dia. Por exemplo, são bastante raras as transferências eróticas atualmente e, mesmo quando acontecem, não se equiparam em intensidade ao que analistas e pacientes experimentaram em outras épocas. Esse é também um dado importante: de todo o espectro de manifestações afetivas que podemos reunir sob o desígnio transferencial assistimos, no mínimo, a uma considerável diminuição de suas intensidades. A ponto de poder-se tomar uma manifestação transferencial mais intensa, seja ela positiva ou negativa, como sinal particularmente revelador do andamento da análise, indício de que o aparente marasmo afetivo – aparente, é claro, porque as angústias continuam a gritar – foi minimamente perturbado.

Não é por acaso que isso lembra as colocações de Bauman (2003) a respeito do papel especial que os especialistas ocupam nas sociedades atuais. Diante da incapacidade dos indivíduos de administrarem suas vidas afetivas, recorre-se a um especialista – basta ver a profusão de versões atuais dos pretensos "conselheiros sentimentais" nos meios de comunicação e principalmente a enorme demanda que justifica sua existência. Um especialista é um técnico que possui o conhecimento específico capaz de auxiliar o sujeito num determinado aspecto da sua vida: o mecânico para o carro, o encanador para a infiltração etc., mas sem necessariamente implicá-lo. Faz-se entre eles um contrato de trabalho e a responsabilidade por aquele território particular da sua vida fica delegado ao especialista. De certo modo, ultrapassamos o tempo da auto-ajuda, agora contratamos alguém para fazer aquilo por nós ou nos ensinar a ser, pois o que está em jogo é da ordem da lógica: "uma questão de cálculo e decisão". Ou seja, no regime dos consumidores das especializações profissionais, "contrate um especialista [para cuidar de sua vida afetiva] da mesma forma que contrata um consultor financeiro ou um contator habilitado" (*ibid*).

Para o analista, ser colocado e ficar no lugar do especialista significa também, e acima de tudo, uma extrema redução subjetiva e afetiva – e são inúmeros os pacientes que, diante de uma intervenção do analista sobre a transferência, desqualifica-a afirmando tratar-se ali de uma relação profissional, sem colorações afetivas particulares (como se isso fosse possível!). É por isso que, por mais reveladora que seja de algumas particularidades do fenômeno transferencial, a própria concepção lacaniana do Sujeito Suposto Saber já não encontre um respaldo clínico tão imediato: quando ele surge na análise atualmente tem ficado reduzido à dimensão

erudita da questão, cindido da vertente afetiva que verdadeiramente lhe constitui.

Leituras mais ortodoxas podem mesmo considerar pertinente questionar até que ponto ainda se pode falar da existência de relações transferenciais nessas análises ou simplesmente de vínculos afetivos particulares. Para não entrarmos em polêmicas pouco produtivas, o melhor é considerarmos que tudo isso diz respeito aos fenômenos transferenciais propriamente ditos e que as próprias bases das transferências atuais mudaram. E se todo amor é, no fundo, amor de transferência, nada mais lógico que tais mudanças sejam particularmente visíveis tanto na clínica quanto na vida amorosa das pessoas.

O narcisismo defensivo pode ser útil aqui no sentido de propiciar algum entendimento adicional da dinâmica afetiva em jogo em tais tipos de vínculos. Para além do paradoxo narcísico relativo ao amor – que implica que todo amor objetal seja sempre acompanhado de uma perda de libido egóica, uma das conseqüências econômicas próprias ao movimento pendular entre libido do eu e de objeto – há uma intensidade afetiva na transferência que pode ser ameaçadora a um narcisismo mais precariamente constituído. Os afetos despertados pela relação analítica e que ali produzem seus efeitos tornam-se uma ameaça à frágil integridade narcísica e não podem ter sua emergência franqueada.

A noção ferencziana do analista como catalisador de afetos (Ferenczi, 1909) ganha especial dimensão nesse contexto: "a pessoa do médico age aqui como um catalisador que provisoriamente atrai os afetos liberados". A questão não é tanto o papel do analista enquanto objeto dos afetos suscitados pela análise, mas sim o seu papel de catalisador, o que provoca a erupção e atualização afetivas. Se por um lado é importante que, numa análise, o analista possa ser usado como objeto de investimento e que esse uso seja particular e criativo, como pensa Winnicott (1969), por outro o que há de fundamental na análise é o afloramento de afetos ocasionado pela presença e persistência (ou sobrevivência) do analista.

Não há intervalo de tempo entre um e outro, a catálise traz à tona afetos que vêm sempre atrelados ao analista enquanto objeto privilegiado de investimentos – é isso o que fundamentalmente percebe Freud com Dora –, mas é preciso conceber essa anterioridade lógica para alcançarmos as dimensões das dificuldades afetivas que o estabelecimento da transferência pode suscitar. A nível narcísico, a própria catálise de afetos pode ser insuportável. A recente redescoberta de Ferenczi e a atual reto-

mada de Winnicott são indicadores diretos de que, de uma forma geral, os psicanalistas têm percebido exatamente isso.

A analogia com o quadro descrito por Bauman é imediata, pois o raciocínio é o mesmo: assim como no mundo regido pela lei do consumo a obsolescência do objeto garante falsamente a autonomia desejante do sujeito – pois apresenta-se ilusoriamente como expressão de liberdade volitiva e soberania afetiva –, uma relação terapêutica deve também atender aos mesmos critérios lógico-matemáticos de relações custo / benefício e não basear-se em elementos afetivos, por demais obscuros e incontroláveis para serem valorizados num mundo cada vez mais imediatista. Imediatista tanto em relação aos resultados quanto à duração dos vínculos e dos desejos. Acontece que um analista não é um telefone celular, ou seja, numa análise os afetos catalisados afloram de uma forma ou de outra. Assim, a própria constituição narcísica do sujeito pode exigir uma atitude defensiva em relação a tais afetos e, caso isso sobrevenha de forma preponderante, pode mesmo impossibilitar a análise.

Tais constatações se fazem sentir de forma bem clara em vários outros aspectos franjais da transferência na relação psicanalítica. Na verdade são somente formas distintas de manifestação de uma mesma questão – e agora exploraremos o outro tópico paralelo à transferência – mas que, por envolverem aspectos práticos, facilitam tanto a sua ocorrência quanto sua observação. São as particularidades referentes a questões como pagamento, freqüência, horário, faltas e férias na análise de cada um. Diante das considerações anteriores, a simples enumeração de algumas dessas ocorrências será suficiente para a reflexão almejada: a de que a falta de disponibilidade para a análise com a qual nos deparamos atualmente tem suas raízes psíquicas na organização narcísica. São fenômenos de tal forma interligados que o exame detalhado de cada um deles torna-se desnecessário se tivermos em vista, em termos psíquicos, aquilo que na linguagem coloquial nos referimos como “sinal dos tempos”.

Comecemos pelos elementos que já fazem parte da experiência cotidiana de qualquer clínico. Hoje é comum que, ao sermos indagados a respeito de possíveis indicações de analistas, sejamos requisitados a levar em conta a localização do consultório em relação à residência ou local de trabalho do paciente: só serve o analista perto de casa ou do trabalho ou, no máximo, cuja localização não exija muito esforço e grandes deslocamentos e transtornos. E nós, mal ou bem, quando fazemos tais indicações, acabamos atendendo a essas demandas, que no fundo colocam a

comodidade do paciente acima de qualquer outro critério, porque sabemos que, se não for assim, a pessoa não o procurará.

Um comodismo correlato também se observa em relação à freqüência dos atendimentos: é cada vez maior a demanda por atendimentos semanais exclusivamente e já começam a surgir os que não se dispõem a freqüentar o consultório mais que uma vez a cada quinze dias. Independentemente das questões financeiras envolvidas, aqui a indisponibilidade é muitas vezes expressada pelo paciente na sua percepção de que duas ou três vezes por semana é "demais". De certa forma, ele tem razão, é mesmo excessiva porque, em termos afetivos, uma freqüência maior leva a vínculos densos, maior intensidade afetiva e maior implicação do sujeito na sua análise – e são o vínculo e sua própria implicação na sua vida que precisam ficar narcisicamente amortecidos ou elididos. E, se como afirma Melman (2004), o grande balizador valorativo atual é a exibição do gozo – não o gozo propriamente – as intensidades afetivas só são aceitáveis enquanto passíveis de transformarem-se em objeto de exibição, mas não de experimentação.

Tais idiossincrasias acontecem também em relação aos horários. É cada vez mais comum o paciente insistir em tentar fazer coincidir seus horários de análise com o término ou início de outro compromisso qualquer, como se sair de casa única e exclusivamente para ir à análise ou ter uma sessão no meio do dia ("vai quebrar a minha tarde") fosse um esforço excessivo e desnecessário. A análise deixou de ser um projeto pessoal. Há também cada vez mais pacientes que nos propõem os seus horários mais convenientes sem levar em conta os nossos compromissos com outros pacientes e tampouco a nossa própria grade de horários: "tem que ser 15 minutos mais cedo", ouvi recentemente. Em relação aos horários há um terceiro e importante elemento a ser considerado: atualmente alguns pacientes desmarcam e remarcam suas sessões com tal freqüência que o estabelecimento de um horário fixo, nos moldes de um bom contrato de análise, fica parecendo uma velha instituição que caducou e não tem mais razão de ser.

A questão do pagamento, sempre eroticamente carregada e cheia de implicações afetivas, foi abordada pelo próprio Freud (1913) ao tecer recomendações aos demais analistas pioneiros. No entanto, a atualidade nos traz algumas peculiaridades relativas ao pagamento que não se constituem propriamente em novidade, mas que pela freqüência e pela intensidade também merecem um exame mais acurado. Os casos de pacientes que interrompem sem pagar, que sempre existiram, tornam-se atu-

almente muito mais comuns. Há outras ocorrências: o paciente que, por ter reembolso parcial da empresa em que trabalha, pede que o recibo traga um número de sessões superior ao que efetivamente ocorreu, ou o que telefona quinze minutos antes do seu horário avisando da sua impossibilidade de comparecer e querendo "desmarcar" para se desvencilhar do pagamento daquela sessão.

Esse é, aliás, um tópico particularmente rico em exemplos porque não são necessariamente características de um ou outro caso, mas acontecimentos corriqueiros observados em várias pessoas distintas – por isso podermos falar em novas subjetividades. Há a pessoa que nos avisa que não poderá vir à sessão seguinte porque viajará no final-de-semana ou irá a um concerto e quer igualmente se desvencilhar do pagamento. A que sai de férias em dezembro e avisa: "volto no final de março"; a outra, que ao fazer a mesma coisa, faz questão de deixar um horário marcado para abril, quando telefona e desmarca etc. Num contrato de trabalho com um especialista, o pagamento é feito sobre o serviço prestado, se o paciente falta, não há sessão, logo...

Para demonstrar como isso tem reflexos imediatos na nossa prática basta considerarmos uma única – e extremamente significativa – mudança na nossa condução das análises atuais que atesta nossa percepção, ainda que intuitiva, de que estamos diante de novas organizações psíquicas: não somos mais tão silenciosos quanto antes. Hoje falamos mais. De algum modo, sabemos que isso é necessário.

E nosso trabalho tem sido, cada vez mais, tentar tornar a análise possível através do reconhecimento e da valorização dos aspectos narcísicos estruturantes do paciente – como recomendou Freud em "Luto e melancolia" – para que alguma catálise possa acontecer e ser suportável. Pois o que não podemos fazer é assumir uma postura nostálgica que consideraria pejorativamente tais configurações metapsicológicas que levaram à formulação do narcisismo defensivo. Não pode aqui existir julgamento de valor do tipo "esse está errado e pior, bom mesmo eram as histéricas da antanho". Precisamos ultrapassar os nossos próprios limites conceituais, técnicos e afetivos para nos aproximarmos das peculiaridades psíquicas daqueles que buscam a análise. Mais que desafio, temos aí um projeto, um objetivo.

Referências

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DUFOUR, D.R. *A arte de reduzir as cabeças:* sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005.

EHRENBERG, A. *La fatige d'être soi:* dépression et societé. Paris: Odile Jacob, 2000.

FERENCZI (1909). Transferência e introjeção. In: _____. *Escritos psicanalíticos 1909-1933*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, s.d., p. 29-60.

_____. (1933). Confusão de língua entre os adultos e as crianças. In: *ibid*., p. 347-356.

FREUD, S. (1913). Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálises, I). In: *Sobre un caso de paranoia descrito autobiograficamente y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993. p. 121-144. (Obras completas, 12).

_____. (1914). Introducción del narcisismo. In *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993. p. 65-98. (Obras completas, 14).

_____. (1917). Luto e melancolia. In: *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 32, p. 128-142. mar 1992. Tradução de Marilene Carone.

JORDÃO, A. *Narcisismo:* do ressentimento à certeza de si. 2002. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, UFRJ, 2002. Inédita.

_____.; PINHEIRO, T. Antecedentes históricos da construção do conceito de narcisismo. In: HERZOG, R. (Org.) *A psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 11-27.

_____.; PINHEIRO, T., MARTINS, K.P.H. A certeza de si e o o ato de perdoar. *Cadernos de Psicanálise - SPCRJ*. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, 1998, v. 14, n. 17, p. 161-175.

LAMBOTTE, M.C. Entrevista concedida a Alexandre Jordão. *Cadernos de Psicanálise - SPCRJ*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 23, p. 79-87, 2004.

WINNICOTT, D.W. (1969). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: _____. *O brincar e a realidade.* Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 121-131.

Artigo recebido em 02 de agosto de 2007
Aceito para publicação em 17 de setembro de 2007